

Metáfora: o poder da significação no ensino¹

Cosimo Laneve²

Rosatilde Margiotta³

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão a respeito da aplicação de metáforas na significação das palavras como maneira original de interpretar o mundo devido a capacidade deste recurso linguístico de adaptação diante da multiplicidade do ser, com seus significados diversos. Pretendeu-se definir o conceito de metáfora trazendo a visão de Aristóteles (1987), bem como delimitar os reflexos da adoção de termos e palavras para representação figurada. É evidenciado o potencial de abstração cognitiva das metáforas que surge de associações e acaba por enriquecer e valorizar pluralismo hermenêutico na expressão cotidiana e também na linguagem científica.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Significação de palavras. Ensino.

Metaphor: the power of meaning in teaching

ABSTRACT

This article presents a discussion about the application of metaphors in the meaning of words as an original way of interpreting the world due to the ability of this linguistic resource to adapt to the multiplicity of being, with its different meanings. It was intended to define the concept of metaphor bringing the vision of Aristotle (1987), as well as delimiting the reflexes of the adoption of terms and words for figurative representation. The potential for cognitive abstraction of metaphors that arises from

¹ English version by Ivan Fortunato. E-mail: ivanfirt@yahoo.com.br.

² Dean of Faculty of Education University of Bari. Docente di didattica presso Università suor Orsola Benincasa Napoli (Italy). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7441-4754>. E-mail: minonix@libero.it.

³ Phd student in Mediterranean Rights, Economies and Cultures at Ionic Department – UNIBA – Italia. Cultrice della materia (subject expert/Honorary Fellow) in General Didactics at Department of Education, Psychology and Communication – UNISOB – Italia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6185-3563>. E-mail: tilde.margiotta@gmail.com.

associations is evidenced and ends up enriching and valuing hermeneutic pluralism in everyday expression and also in scientific language.

KEYWORDS: Metaphor. Meaning of words. Teaching.

Metáfora: el poder del significado en la enseñanza

RESUMEN

Este artículo presenta una discusión sobre la aplicación de las metáforas en el significado de las palabras como una forma original de interpretar el mundo debido a la capacidad de este recurso lingüístico de adaptarse a la multiplicidad del ser, con sus diferentes significados. Se pretendió definir el concepto de metáfora trayendo la visión de Aristóteles (1987), así como delimitar los reflejos de la adopción de términos y palabras para la representación figurativa. Se evidencia el potencial de abstracción cognitiva de las metáforas que surge de las asociaciones y termina por enriquecer y valorizar el pluralismo hermenéutico en la expresión cotidiana y también en el lenguaje científico.

PALABRAS CLAVE: Metáfora. Significado de las palabras. Enseñanza.

* * *

Introdução

Enquanto vislumbra uma reforma linguística na Pansophiae Christianae liber III, Comenius convida a fixar claramente o significado das palavras usando um único nome para cada coisa, de modo a restaurar o significado próprio das coisas. As pessoas expressam melhor seu poder de representação (descrição, definição...) quando sabem nomear seres e objetos vivos, denominar eventos, designar atividades e produtos com seu nome, o termo preciso e a palavra certa. Este poder não deve ser exercido para acrescentar uma palavra a uma lista de signos artificiais, mas para elevar-se ao nível do mundo objetivo, o representativo (designativo, denotativo...).

As linguagens características são independentes de qualquer relação com a imagem, de qualquer elemento significado pela conotação e da

sobredeterminação contextual de significados que domina as linguagens comuns: são linguagens sintáticas, construídas, como uma arquitetura de elementos modulares que fornecem uma estrutura computacional.

O termo-palavra é constituído pelo descarte de procedimentos genéricos e muitas vezes resulta da adoção da regra econômica de simbolismos "característicos" (é a palavra usada por Leibniz para indicar a estrutura moderna dos sistemas linguísticos das ciências: *charactera universalis*).

No entanto, não é verdade (ou nem sempre) que apenas os termos-palavra, decantados da escória da imprecisão, nos permitem articular a realidade e, portanto, chegar ao mundo do conhecimento e da cultura, da história e da comunidade científica.

Uma palavra não é apenas um signo para comunicar, mas também outra coisa: é um amontoado de ambiguidades devido às evocações escondidas em seu núcleo. A palavra (especialmente um nome) nunca é um rótulo, mas também não é uma definição: é uma espécie de simulacro, muitas vezes aproximado, que usamos para nos comunicar.

Escrevemos (e falamos) referindo-nos a signos muitas vezes ambíguos para nós, mas a ambiguidade e a imprecisão permitem que nos entendamos de qualquer maneira.

O termo é apenas a sombra da palavra: se identificamos a palavra com o termo, nós a pregamos a um significado específico e relativo; quebramos suas asas, impedindo-o de voar livre no céu da consciência humana ou da própria significação.

O uso de metáforas: poder de significação

Segundo Aristóteles, a transposição metafórica deve ser pensada em termos de adequação, de pertinência; e deve ser tomada como prova do vínculo profundo e inalienável que os nomes e as expressões têm com as coisas, mesmo quando transgridem seu uso próprio. A bondade de uma

metáfora é estimada, precisamente, na pertinência dessa transgressão, em ser regulada ou não. Como qualquer outro dispositivo linguístico, deve responder à clareza que indica como virtude da enunciação (Rhet., 1404b 1-3). Ele explica como prerrogativa do enunciado colocar as coisas "diante dos olhos" (Rhet., 1410b 33; ver também Poet.55a 22-34). Colocar as coisas diante dos olhos significa mostrar de repente que "isto é aquilo" (Rhet., 1371 8-9), posando como "aqueles que estão nos próprios fatos como eles acontecem" (Poet.55a 25). No entanto, ele o faz de maneira diferente de como onomata kyria o faz - de maneira direta; a metáfora, como onomata allotria, "vai contra seu próprio uso" (Poet.58a 24-5), de forma inusitada: de forma menos direta e, de certa forma, ainda mais importante e eficaz" (Poet.59a 5-6). Therefore, another mode of discourse (indeed, other modes) exists, that is by no means poorer in meaning than scientific utterances.

Pelo contrário, ser capaz de produzir metáforas é, segundo Aristóteles, "muito mais importante" (Poeta 59a 5-6). É mais importante porque poder colocar as coisas diante dos olhos em certos domínios (aqueles tratados em particular pela arte poética) exige um esforço maior do que o exigido pelo conhecimento obtido através dos nomes próprios. De fato, a metáfora ativa uma capacidade cognitiva adicional além daquela de simplesmente definir as coisas. Melhora a função heurística; constitui o horizonte de inteligibilidade de novos problemas. As formas mais abstratas de conhecimento encontram suas raízes na "pré-categoria" que prescreve um projeto, um campo de projeções possíveis.

A metáfora antecipa a clarificação racional, que, pelo contrário, a legitima passo a passo: favorece, impulsiona, a relação imediata entre as coisas mais distantes, conduz ao conhecimento sem recorrer a premissas já dadas. Pela relação inesperada em que são colocadas, as palavras (usuais ou não) adquirem subitamente significados inesperados: emergem da unidade da frase com autonomia própria e em toda a sua dinâmica expressiva, tornam-se parte viva de um todo.

A importância da metáfora reside na sua capacidade de adaptação à multiplicidade do ser, aos sentidos plurais segundo os quais pode ser articulada e sobretudo escrita.

Entendida dessa forma, ela se mostra um instrumento insubstituível do conhecimento humano.

Um conhecimento em que o universal só pode ser alcançado ao preço de uma abstração cognitiva, cujo dispositivo é justamente esse analogon. A metáfora é uma espécie linguística fundamental desta última.

A unidade e síntese das diferentes “imagens” não se dão por explicação, mas por associação, numa súbita visão de semelhanças. Uma atitude que é assumida antes mesmo de qualquer postura reflexiva ser tomada. As metáforas surgem de associações que não são apenas um fator de mudança de sentido, mas um mecanismo universal que enriquece as linguagens do mundo Três.

A metáfora faz-nos reconhecer subitamente a semelhança entre coisas muito distantes umas das outras e assim permite-nos "revalorizar" a nossa própria familiaridade com as coisas, nunca as deserdando, mas antes alargando-as e aprofundando-as. Uma série de relações, de "atributos reais" da entidade que já existem em nível ontológico, são colocadas diante de nossos olhos. No entanto, sem a capacidade que a metáfora possui de transpor, de passar de um nível a outro, não teria sido possível identificá-los.

É outra forma dessa capacidade geral do homem de se aproximar de alguma forma da verdade. Essa verdade que - parafraseando a Metafísica (993a) - é impossível de apreender inteiramente.

A metáfora constitui-se como alternativa cognitiva à natureza analítica da episteme, naquele campo em que a universalização - segundo procedimentos epistêmicos - pagaria o preço de uma abstração muito alta e, portanto, inaplicável. É um conhecimento incoativo, poiético, aproximativo e, no entanto, por isso mesmo, resulta fundamental na medida em que é capaz de se adaptar bem ao pollachos, à multiplicidade dos sentidos do ser.

É uma forma original de dirigir-se ao mundo, de se orientar e de se dirigir à realidade.

É por isso que a metáfora não deve ser confundida com uma figuratividade, presa no raso de uma teoria da ornamentação, reduzida a sinônimo de atraso exorbitante, de excedente linguístico, de magniloquência externa. As metáforas não são meros embelezamentos adicionais, acréscimos inessenciais, revestimentos externos que acabam por sobrecarregar a escrita, mas constituem verdadeiros recursos de significação: são imagens engenhosas capazes de comunicar de maneira linguisticamente eficaz. Isso é verdade não apenas no campo mais conhecido do discurso literário e poético, mas também na experiência cotidiana e na própria linguagem científica.

Trata-se da figuratividade linguística, ou seja, da capacidade que o homem tem de construir por analogia com imagens concretas, palavras e textos originais, agradáveis, sugestivos, ativando aquelas potencialidades combinatórias e criativas da linguagem que desempenham um papel corretivo em relação à linguagem padrão, normativa, rígida, muitas vezes esterilizando a generatividade inovadora da expressão-comunicação do indivíduo.

Conclusão

De fato, as figuras oferecem a possibilidade de enriquecer o significado e a expressividade da linguagem por meio de um reequilíbrio contínuo entre elementos de novidade, originalidade e elementos de repetição, reprodução. O sentido de cada palavra pode ser continuamente enriquecido em um processo em que a concepção de uma figura produz uma abertura do "espaço" da palavra-sinal, gera uma ampliação de sentido, tende a uma expansão da palavra-signo, uma ampliação do sentido, tendendo à plenitude semântica e às vezes até à evocação.

A figura torna possível a relação imediata entre as coisas mais distantes, conduz ao conhecimento sem recorrer a premissas já dadas.

Através da relação inesperada, as palavras adquirem subitamente significados e referências inesperados e imprevisíveis. O som também faz parte disso, como um ritmo modulado que determina a ordem fonética e delinea um arranjo geral.

No nível didático, além da afirmação clara de Aristóteles de que a metáfora não pode ser ensinada, como afirma a Poética ("é a única coisa que não se aprende com os outros, e é sinal de uma disposição natural de gênio [...] poder apreender as semelhanças das coisas entre si" (59b) e na Retórica ("seu uso não pode ser aprendido de mais ninguém" (1374, 33)), à qual se pode acrescentar a convicção de Vico da espontaneidade original do processo metafórico, um ensino da metáfora pode ser considerado muito válido: De Ivor Amstrong Richards a Howard Gardner, emerge claramente que a produção espontânea de metáforas é um processo primário, seguido pela compreensão e, finalmente, a capacidade de explicar o mecanismo.

Portanto, é preciso ensinar não tanto ou apenas brincar com as metáforas, construindo imagens estranhas, poéticas, ousadas, mas também descobrir o poder da significação, por exemplo: substituir uma palavra por outra cujo sentido literal tenha alguma semelhança com o sentido literal da palavra substituído; delineando um objeto a partir de outro; "saber ver e apreender as semelhanças das coisas entre eles" (Poet.1459); aprender a ler detalhes, e assim se aprende a ler a vida; e assim por diante), e assim realizar um conhecimento "que não existia antes" (Rhet.1410b).

A didática da criatividade e a disposição para assumir riscos intelectuais são, portanto, de extrema importância. Ao estabelecer um olhar diferente para ler o que se esconde por trás do óbvio e do banal, o primeiro privilegia o pluralismo hermenêutico, renova o real, redesenha as expressões escritas. Embora sempre carregado de dúvidas e incertezas de se desvencilhar da imobilidade estagnada de ideias e convicções, o risco proporciona um misto de alegria pela liberdade que oferece.

Referências

- ARISTOTELE, *Metafisica*, trad. it. di A. Carlini, Laterza, Bari, 1928.
- ARISTOTELE, *Poetica*, trad. it. di D. Lanza, Biblioteca universale Rizzoli, Milano, 1987.
- ARISTOTELE, *Retorica*, trad. it. di M. Dorati, Mondadori, Milano, 1996.
- AUROUX, S. *La philosophie du langage*, trad. it., Université de Lille, Lille, 1996.
- BARTHES, R. *Elementi di semiologia* (1964), trad.it., Einaudi, Torino, 1966.
- BATTAGLIA, M. L. (a cura di). *Metafora e discorso critico*, Bulzoni Editore, Roma, 1987.
- BENJAMIN, L. W. *Language, Thought, and Reality*, Eastford (CT), Martino Fine Books, 2011.
- BLACK, M. *Models and Metaphor*, Cornell University Press, Ithaca (NY), 1962.
- BLUMENBERG, H. *Paradigmi per una metaforologia*, trad. it., Il Mulino, Bologna, 1969.
- BOY-STONES, G. R. *Metaphor, allegory and the classical tradition, ancient thought and modern revisions*. Oxford University Press, New York, 2003.
- BRIOSI, S. *Il senso della metafora*. Liguori, Napoli, 1985.
- CACCIARI, C. (a cura di). *Teorie della metafora. L'acquisizione, la comprensione e l'uso del linguaggio figurato*. Cortina Raffaello, Milano, 1996.
- CASADIO, C. (a cura di). *Itinerario sulla metafora: aspetti linguistici, semantici e cognitive*. Bulzoni Editore, Roma, 1996.
- COMENIO, G. A. *Pansophiae prodromus, et Conatuum pansophicorum dilucidatio*. Ex officina D. Lopez de Haro, Lugduni Batavorum, 1644.
- CONTINI, A.; GIULIANI, A. (a cura di). *La metafora tra conoscenza e innovazione: una questione filosofica*, Mimesis, Milano-Udine, 2020.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Figurative language*, Cambridge University Press, Cambridge, 2014.
- DANESI, M. *La metafora nel pensiero e nel linguaggio*, La Scuola, Brescia, 2003.
- DEBATIN, B.; JACKSON, T. R.; STEUER, D. *Metaphor and rational discourse*, Niemeyer, Tübingen, 1997.
- ECO, U. *Semiotica e filosofia del linguaggio*, Einaudi, Torino, 1984.
- ECO, U. *Trattato di semiotica generale*, Bompiani, Milano, 1975.

- EDMUND, L. *Cultura e comunicazione: la logica della connessione simbolica. Un'introduzione all'uso dell'analisi strutturale nell'antropologia sociale*, trad. it., FrancoAngeli, Milano, 1981.
- ERVAS, F.; GOLA, E. *Che cos'è una metafora*, Carocci, Roma, 2016.
- FONZI, A.; NEGRO SANCIPRIANO, E. *La magia delle parole: alla riscoperta della metafora*, Einaudi, Torino, 1975.
- GIBBS, R. W. (a cura di). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*, Cambridge University Press, Cambridge, 2008.
- GIBBS, R. W. *The poetics of mind. Figurative thought, language, and understanding*, Cambridge University Press, Cambridge, 1994.
- GLUCKSBERG, S. *Understanding figurative language*, Oxford University Press, Oxford, 2001.
- GOATLY, A. *The language of metaphors*, Routledge, New York-London, 1997.
- GRASSI, E. *La preminenza della parola metaforica: Heidegger, Meister, Eckhart, Novalis*, Mucchi stampa, 1987.
- GRIES, S. T. (a cura di). Corpus-based approaches to metaphor and metonymy, Mouton de Gruyter, Berlin/New York, Heidegger M., In: *Cammino verso il linguaggio*, trad. it., Milano, Mursia, 1973.
- JAKOBSON, R. *Saggi di linguistica generale*, trad. it., Feltrinelli, Milano, 1980.
- KATZ, J. J.; CACCIARI, C.; GIBBS, R. W.; TURNER, M. *Figurative Language and Thought*, Oxford University Press, Oxford, 1998.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor and emotion: Language, culture and body in human feeling*, Cambridge University Press, New York, 2000.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor. A practical introduction*, Oxford University Press, New York, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metafora e vita quotidiana*, Bompiani, Milano, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*, The University Of Chicago Press, Chicago, 1980.
- LEACH, E. *Cultura e comunicazione: la logica della connessione simbolica*, trad. it., FrancoAngeli, Milano 1981.
- LEIBNIZ, G. W. *De arte combinatoria* (1666) Han van Ruler, Martin Wilson

LEIBNIZ, G. W. *Ricerche sul linguaggio: due inediti giovanili: Liber observationum e Loci rhetorici*, Il Poligrafo, Padova, 1999.

LORUSSO, A. M. *Metafora e Conoscenza*, Bompiani, Milano, 2005.

MARTINENGO, A. *Filosofie della metafora*, Guerini Scientifica, Milano, 2016.

MOOIJ, J. J. A. *A study of metaphor: on the nature of metaphorical expressions, with special reference to their reference*, North-Holland, Amsterdam, 1976.

ORTONY, A. (a cura di). *Metaphor and Thoughts*, Cambridge University Press, New York, 1932.

ORTONY, A. *Metaphor and Thought*, Cambridge University Press, New York, 1993.

PINTO, M. A.; DANESI, M. (a cura di). *La metafora fra processi cognitivi e processi comunicativi*, Bulzoni, Roma, 1992.

PRANDI, M. *Le metafore tra le figure: una mappa ragionata*, UTET, Milano, 2021.

PULEGA, A. *Da Argo alla nave d'amore: contributo alla storia di una metafora*, La nuova Italia, Firenze, 1989.

QUINTILIANO, M. F. *Institutio oratoria*, ed. Radermacher, Lipsia, 1959.

ROBINS, R. H. *A Short History of Linguistics*, Longman, London-New York, 1997.

RICOEUR, P. *La metafora viva. Dalla retorica alla poetica: per un linguaggio di rivelazione*, trad.it G. Grampa, Jaca Book, Milano, 2020.

SAVOCA, G. *Introduzione allo studio della metafora*, Libreria editrice Bonaccorso, Catania, 1976.

TATO, G.; ESPADA, J.-L. *Semantica de la Metafora (estudio introductorio)*, Instituto de Estudios Alicantinos, Diputacion Provincial de Alicante, Alicante, 1975.

TAVERNIERS, M. *Metaphor and Metaphorology*, Academia Press, Gent, 2002.

TAYLOR, J.; MCLAURY, R. E. (a cura di). *Language and the cognitive construal of the world*, Mouton de Gruyter, Berlin, 1995.

VEGA MORENO, R. E. Creativity and convention. *The pragmatics of everyday figurative speech*, Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 2007.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em agosto de 2022.